



IDENTIDADE GASOSA: A RAREFAÇÃO DO SUJEITO NA SOCIEDADE DA HIPERINFORMAÇÃO

DOI: <https://doi.org/10.4013/con.2025.213.04>

Helio Miranda Costa Junior

Doutor em Ciências Biológicas Universidade Federal do Rio de Janeiro

heliomcjr@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0005-1791-572X>

RESUMO:

Este artigo propõe a hipótese de uma identidade gasosa, estágio pós-baumaniano da subjetividade, em que o eu se encontra em processo de rarefação simbólica. Se a modernidade líquida dissolveu as formas sólidas da vida social, a contemporaneidade gasosa dissolve o próprio sujeito que nelas agia. Partindo de uma analogia termodinâmica, a identidade é concebida como sistema energético em desequilíbrio, exposto ao calor informacional e incapaz de transformar estímulos em trabalho interior. Dialogando com Bauman, Han, Stiegler, Rosa, Crary, Zuboff, Illouz e Fisher, o ensaio argumenta que a hiperaceleração informacional e a cultura da transparência produzem uma entropia simbólica que corrói o vínculo, a memória e o sentido. Conclui-se que o sujeito gasoso não apenas vive disperso — ele se tornou meio de dispersão.

PALAVRAS-CHAVE:

Subjetividade. Informação. Entropia simbólica. Identidade gasosa. Termodinâmica do eu.

GASEOUS IDENTITY: THE RAREFACTION OF THE SELF IN THE HYPERINFORMATIONAL
SOCIETY

ABSTRACT:

This article proposes the hypothesis of a gaseous identity, a post-Baumanian stage of subjectivity in which the self undergoes a process of symbolic rarefaction. If liquid modernity dissolved the solid forms of social life, gaseous contemporaneity dissolves the very subject who once acted within them. Drawing on a thermodynamic analogy, identity is conceived as an energetic system in disequilibrium, exposed to informational heat and unable to convert stimuli into inner work. Engaging with Bauman, Han, Stiegler, Rosa, Crary, Zuboff, Illouz, and Fisher, the essay argues that informational hyper-acceleration and the culture of transparency generate a symbolic entropy that corrodes bond, memory, and meaning. It concludes that the gaseous subject not only lives dispersed — he has become the very medium of dispersion.

KEYWORDS:

Subjectivity. Information. Symbolic entropy. Gaseous identity. Thermodynamics of the self.

1 Do líquido ao gasoso: crítica e superação do modelo baumaniano

A modernidade líquida, tal como a descreveu Zygmunt Bauman, marcou o momento em que as estruturas sólidas da vida moderna — Estado, família, profissão, comunidade — perderam a rigidez que outrora lhes conferia permanência. A modernidade líquida se define pela instabilidade das formas sociais, que já não permanecem tempo suficiente para sustentar a ação humana. Tudo se transforma antes de adquirir consistência, e o sujeito aprende a viver em meio a fluxos em constante mutação (Bauman, 2021). Essa fluidez, metáfora central de Bauman, encontra sua formulação mais precisa quando o autor escreve que:

Os “fluídos” não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas ‘por um momento’ (Bauman, 2021, p. 8).

A liquidez, portanto, não é apenas dissolução das formas, mas a supremacia do tempo sobre o espaço — um estado em que o efêmero se torna a única permanência. No entanto, essa lógica da mutabilidade não elimina por completo a coesão do sujeito. Mesmo em sua fluidez, o líquido preserva certa densidade simbólica: muda de forma, mas não se esvazia. Há, portanto, um núcleo de memória que

permite ao indivíduo, ainda instável, reconhecer-se como continuidade em transformação (Bauman, 2021).

Bauman percebe que os processos de dissolução se deslocam progressivamente das estruturas sociais para o interior da própria vida psíquica:

Os poderes que liquefazem passaram do ‘sistema’ para a ‘sociedade’, da ‘política’ para as ‘políticas da vida’ — ou desceram do nível ‘macro’ para o nível ‘micro’ do convívio social (Bauman, 2021, p. 15).

Esse diagnóstico antecipa a transição que aqui chamamos de fase gasosa da subjetividade: quando o poder de dissolução já não age sobre instituições, mas sobre a textura da consciência. O calor que antes derretia estruturas coletivas agora superaquece o eu, produzindo um sujeito hiperestimulado e sem capacidade de condensação simbólica.

A hipótese da identidade gasosa emerge nesse limiar. O eu gasoso já não se adapta — evapora-se. Enquanto o líquido ainda reflete a luz e possui superfície, o gás se espalha no ar: invisível, sem volume, sem centro. No plano subjetivo, isso significa que o indivíduo não apenas vive em instabilidade: ele é instabilidade. Já não há tensão entre identidade e mutação, mas colapso do eixo que as sustentava. O eu líquido ainda narrava sua fluidez; o eu gasoso já não narra — reage. Cada notificação funciona como um pulso térmico que mantém a consciência em agitação. O sujeito líquido sofria por não poder fixar-se; o gasoso não sofre — ele simplesmente não para.

Se a fluidez baumaniana descrevia o tempo da adaptação, o regime gasoso inaugura o tempo da dispersão. A diferença não é de intensidade, mas de natureza: no líquido, ainda há continuidade e volume; no gás, expansão e rarefação. O eu gasoso vive numa atmosfera saturada de informação, calor simbólico e estímulos incessantes. Cada partícula da consciência vibra em múltiplas direções, incapaz de condensar-se em forma ou sentido. A subjetividade deixa de ser apenas móvel: torna-se rarefeita.

2 A termodinâmica da subjetividade: informacionalismo e dispersão do eu

Pensar o sujeito contemporâneo sob a ótica da termodinâmica é compreender uma alma em estado de agitação permanente. O eu já não é apenas uma instância psicológica ou narrativa, mas um sistema energético aberto, exposto ao calor incessante da informação e progressivamente incapaz de reter o que recebe. Cada estímulo age como uma unidade de energia simbólica; cada reação, como um trabalho psíquico. Contudo, o equilíbrio se rompe quando a energia absorvida excede a capacidade de transformação interior.

Na física, a variação de energia interna de um sistema é expressa pela equação $\Delta U = Q - W$: a mudança de energia (ΔU) resulta do calor recebido (Q) menos o trabalho realizado (W). Transposta para o campo da subjetividade, essa relação revela uma dissonância central de nossa época: o sujeito é inundado de calor simbólico — mensagens, notificações, fluxos imagéticos —, mas realiza cada vez menos trabalho reflexivo. A energia entra, mas não se converte em elaboração, pensamento ou memória.

Bernard Stiegler antecipou essa crise ao afirmar que a aceleração técnica e a exteriorização da memória provocam uma perda de individuação, pois o processo de temporalização é deslocado para os objetos técnicos (Stiegler, 1998, tradução livre deste autor)¹. Essa perda culmina naquilo que o autor chama de “proletarização do espírito”, isto é, não apenas a perda do saber-fazer, mas a perda da própria relação temporal que constitui a individuação (Stiegler, 1998, tradução livre deste autor)¹. Essa saturação informacional não gera conhecimento, mas entropia simbólica. Não se trata apenas de excesso de dados, e sim da perda da diferença — a incapacidade de distinguir o essencial do periférico, o singular do replicável. Em um mundo em que tudo se apresenta como simultâneo e reversível, a mente torna-se lisa, sem atrito nem hierarquia de sentido. A aceleração, longe de ser mero subproduto técnico, assume uma dimensão afetiva e espiritual. Hartmut Rosa descreve com precisão esse mal-estar moderno:

Talvez a faceta mais urgente e assustadora da aceleração social seja a ‘fome de tempo’ espetacular e epidêmica das sociedades modernas. Na modernidade, os atores sociais cada vez mais sentem que estão com falta de tempo, que o tempo está acabando para eles (Rosa, 2023, p. 26–27).

Essa *fome de tempo* é o correlato emocional da hiperestimulação. A mente, aquecida por fluxos incessantes de informação, entra em um estado de excitação contínua, no qual o tempo psicológico se fragmenta. A aceleração não é um efeito colateral da técnica: é a forma afetiva do capitalismo contemporâneo. O tempo, tornado objeto de consumo, perde espessura e se converte em fluxo. Sem intervalos, não há reflexão; sem demora, não há consciência.

A termodinâmica da subjetividade, nesse contexto, ultrapassa a metáfora e se torna uma gramática possível da vida mental moderna. Cada nova unidade de calor simbólico recebida desorganiza um pouco mais o sistema interno. O sujeito tenta compensar a perda de densidade com movimento, visibilidade e produtividade, acreditando que o excesso de energia o fará sentir-se vivo. O resultado, no entanto, é o oposto: quanto mais calor recebe, mais rarefeito se torna. A subjetividade comporta-se como gás — dispersa, excitada, vibrante, mas incapaz de condensar-se em forma.

¹ Todas as citações de Bernard Stiegler neste artigo são traduções livres deste autor, realizadas a partir da edição em inglês *Technics and Time, 1: The Fault of Epimetheus* (Stanford University Press, 1998).

A era do eu gasoso é, assim, o estágio em que a vida mental se converte em pura termodinâmica: o pensamento não fixa, o afeto não sedimenta, o tempo não repousa. O sujeito contemporâneo é um sistema superaquecido — luminoso, veloz e esvaziado. E, como em toda física da dissipação, a questão decisiva já não é como manter o calor, mas como reconduzi-lo à forma; como transformar energia em sentido antes que tudo se evapore.

3 Exposição e Entropia: o sujeito em agitação e a dissolução do vínculo

Na sociedade pós-industrial, a subjetividade é regida por um novo princípio termodinâmico: a exposição contínua que determina o desempenho do indivíduo. Byung-Chul Han observa que “... o que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão de desempenho (Han 2024, p. 25). O imperativo do desempenho substitui a coerção externa pela autoexploração: o indivíduo transforma-se em empresa de si mesmo. O poder, que antes reprimia, agora seduz. O sujeito torna-se simultaneamente produto e produtor, consumidor e mercadoria, explorador e explorado.

Mas essa aceleração produtiva tem um custo afetivo profundo. “O cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando” (Han, 2024, p. 71). O sujeito do desempenho vive exausto de si mesmo — cercado de conexões, mas privado de vínculo. “Uma sociedade do desempenho, que nos individualiza. O sujeito de desempenho explora a si mesmo até ruir.” (Han, 2018, p. 87 e 88). A exaustão, aqui, não é apenas fisiológica; é ontológica. O cansaço revela-se como dissolução da alteridade, como solidão sistêmica em meio à hiperconexão.

Essa exposição contínua é também uma forma de violência simbólica. “A partir de um determinado ponto, a informação não é mais informativa, mas sim desformatadora.” (Han, 2018, p. 106). A informação em sua disponibilidade total não liberta — ela desnuda, empobrece e torna o eu fragmentado, vulnerável à vigilância e à comparação incessante. O excesso de dado cega: o sujeito passa a existir apenas enquanto reativo.

Como observa Zuboff (2019)², o capitalismo de vigilância opera ao transformar a experiência humana em dado comportamental, convertendo subjetividade em matéria-prima informacional. O corpo e a consciência tornam-se a informação. A interioridade, antes espaço de invenção e segredo, converte-se

² A paráfrase de Shoshana Zuboff foram realizadas a partir da edição Kindle original em inglês (The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power, Public Affairs, 2019). Por se tratar de edição digital, as referências não contêm paginação fixa.

em campo de extração. Já não há dentro e fora — apenas fluxo contínuo de dados, em que o sujeito participa de sua própria expropriação.

Jonathan Crary descreve a lógica do tempo contínuo que subjuga o sujeito:

O tempo 24/7 é um tempo de indiferença, ao qual a fragilidade da vida humana é cada vez mais inadequada, e onde o sono não é necessário nem inevitável. Em relação ao trabalho, torna plausível, até normal, a ideia do trabalho sem pausa, sem limites (Crary, 2016, p. 19).

Em seguida, complementa:

O regime 24/7 mina paulatinamente as distinções entre dia e noite, claro e escuro, ação e repouso. É uma zona de insensibilidade, de amnésia, de tudo que impede a possibilidade de experiência (Crary, 2016, p. 26).

O sujeito gasoso é aquele que não dorme porque já não possui interior onde recolher-se, é pura superfície informacional. Sua existência é reflexo e resposta, fluxo e visibilidade, sem pausa nem densidade. A economia da exposição substitui o calor da presença pela frieza do desempenho; transforma o vínculo em dado e o olhar em controle. O desempenho, apresentado como virtude, revela-se, enfim, o ponto máximo da rarefação: a anulação da sombra que dá espessura ao humano.

Mas o colapso não é apenas cognitivo; é também afetivo. Byung-Chul Han observa que:

O eros arranca o sujeito de si mesmo e direciona-o para o outro. A depressão, ao contrário, mergulha em si mesma. O sujeito de hoje, voltado narcisicamente ao desempenho, está à busca de sucesso (Han, 2017, p. 10)

A rarefação do vínculo afetivo revela-se, portanto, como incapacidade de transcendência: o eu já não se projeta, apenas se repete. O eros, que outrora condensava o calor do encontro, transforma-se em circuito fechado de autoestimulação. O amor deixa de ser travessia — torna-se reflexo; deixa de gerar calor simbólico — converte-se em impulso de visibilidade. O sujeito gasoso é aquele que, privado de alteridade, vive o colapso do eros como perda de densidade interior. A depressão e a exaustão não são sintomas individuais, mas expressões termodinâmicas de uma alma que já não consegue sair de si, aprisionada no fluxo do próprio desempenho.

Mark Fisher descreve esse mesmo processo sob o horizonte da cultura pós-ideológica:

O capitalismo é o que sobra quando as crenças colapsam ao nível da elaboração ritual e simbólica, e tudo o que resta é o consumidor-espectador, cambaleando trôpego entre ruínas e relíquias (Fisher, 2020, p. 13).

Nesse cenário, a saturação informacional substitui o mito, e a excitação contínua suplanta a contemplação. Observando ainda que:

no ambiente intensivo de 24 por 7 do ciberespaço capitalista, o cérebro não pode mais ficar ocioso; em vez disso, é inundado com um fluxo contínuo de estímulo de baixa intensidade (Fisher, 2020, p. 157).

Toda rebeldia é precificada; até o mal-estar vira estética. A dor perde transcendência e resta apenas seu design. A cultura da *autoexpressão* total gera o paradoxo de uma sociedade hipercomunicativa, mas emocionalmente muda. O sujeito gasoso é, assim, o herdeiro desse ambiente de exaustão sem pausa: pensa demais, mas elabora de menos; sente tudo, mas nada permanece.

4 Ontologia do leve: rarefação e recomeço

O sujeito gasoso é, antes de tudo, um ser leve demais para resistir. Sua identidade não se funda: flutua. Não possui centro, apenas conexões. Habita a superfície, não o tempo; reage a estímulos, mas não elabora o sentido. A leveza, que à primeira vista parece liberdade, converte-se em exílio. Quanto mais leve o sujeito, menos capaz de permanecer. O peso, outrora sinônimo de fardo, torna-se hoje uma forma de presença.

A rarefação, contudo, não é apenas decadência. Em todo sistema entrópico há potência de criação. O colapso pode ser lido como momento de reconfiguração simbólica: quando a energia se dispersa, abre-se a possibilidade de outro tipo de forma. A termodinâmica da subjetividade revela esse paradoxo vital — sem dissipação, não há transformação. A rarefação do eu é também o seu limiar de reinvenção.

Byung-Chul Han sugere essa ambiguidade ao afirmar que:

princípio um cansaço de fazer e de poder. A lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível (Han 2018, p. 26 e 27).

A leveza que o liberta é a mesma que o esgota. Mas é também nesse esgotamento que se esconde a chance de pausa, de resistência à aceleração. A fadiga pode tornar-se consciência.

Hartmut Rosa, ao discutir a alienação temporal, escreve que:

a sociedade não permanece mais estável nem mesmo ao longo da vida de um indivíduo — o que tem consequências profundas para os padrões dominantes de identidade e de subjetividade (Rosa, 2023, p. 64).

Reverter essa lógica implica reaprender a demora, instaurar intervalos de escuta no interior do ruído. A desaceleração não é nostalgia, é reconstrução. O gesto lento devolve espessura à experiência.

Bernard Stiegler via nessa reconstrução o desafio maior de nossa era com a aceleração técnico-informacional destruindo a capacidade do sujeito de interiorizar o tempo e de formar memória (Stiegler,

1998 – tradução livre deste autor)¹. A tarefa ética é, portanto, restaurar essa capacidade — transformar novamente informação em reflexão, estímulo em elaboração, calor em sentido.

A reconstrução da densidade simbólica passa por revalorizar o silêncio, o intervalo e o gesto lento. O silêncio volta a ser tecnologia do espírito; a opacidade, resistência ética. Contra o imperativo da transparência total, o sujeito precisa reivindicar o direito à sombra — lugar onde o pensamento se condensa, o afeto amadurece e o sentido se torna habitável.

Pensar o sujeito gasoso é, enfim, pensar a urgência de reaprender a condensar-se: restituir ao eu a espessura perdida na luminosidade do mundo. A rarefação não é o fim da identidade, mas a sua fronteira de reconfiguração — o ponto em que o sujeito, tendo se dissipado, descobre na leveza a necessidade do reencontro consigo mesmo.

5 Conclusão — Condensar o sentido

Diversos intérpretes reconhecem que, em Bauman, a ênfase recai menos sobre mecanismos de causalidade e mais sobre diagnósticos morais e formas de vida. Sua sociologia é menos uma ciência de causas e mais uma hermenêutica da instabilidade moderna — um esforço para compreender o modo como as condições líquidas afetam o ser e o agir. Aqui, seguimos o próprio Bauman (2021) para mostrar a passagem do sólido ao líquido, mas avançamos um passo adiante: propomos que, sob o impacto da hiperaceleração informacional, a liquidez se converte em rarefação.

Enquanto Bauman descreve a dissolução das estruturas estáveis que davam forma à vida social, nossa hipótese da identidade gasosa procura pensar o momento em que o próprio sujeito — e não apenas as instituições — se torna volátil. O que antes era adaptação às mutações do mundo agora se transforma em dispersão entrópica: o eu não se ajusta, evapora-se. Assim, a partir das análises de Rosa (2023), Han (2018 e 2024), Crary (2016) e Zuboff (2020), articulamos uma leitura termodinâmica da subjetividade, na qual o excesso de estímulo e transparência gera uma perda de densidade simbólica.

Essa leitura não busca contrariar Bauman, mas continuar seu diagnóstico em outro estado da matéria social: do líquido que se move ao gás que se dispersa. A modernidade gasosa é, portanto, a fase em que a aceleração, a exposição e o calor informacional ultrapassam o ponto de condensação da identidade — um estágio em que o sujeito já não habita o fluxo, mas é habitado por ele.

A identidade gasosa é o ponto crítico de um processo iniciado na modernidade líquida e acelerado pela era informacional. Se o líquido ainda conservava memória de forma, o gás é pura dispersão — consciência expandida até a invisibilidade. Essa rarefação, porém, não é apenas ruína: é também um apelo

à reinvenção. O sujeito contemporâneo vive sob temperatura simbólica extrema, mas é precisamente nesse calor que se oculta a possibilidade de uma nova condensação do eu.

A termodinâmica da subjetividade mostra que nenhuma energia se perde: ela apenas muda de estado. A questão, portanto, não é como escapar da dispersão, mas como transformá-la em forma — como reconduzir o calor do mundo à densidade da experiência. Entre o fluxo e a forma, entre o dado e o sentido, o sujeito reencontra sua vocação de tradutor do indizível.

Ao final, pensar o eu gasoso é pensar o destino humano diante da velocidade e da transparência. O desafio não é mais ser sólido, mas saber condensar o leve, dar espessura àquilo que se dispersa. No instante em que o sujeito volta a respirar — não o ar rarefeito da aceleração, mas o ar denso do pensamento —, a rarefação cessa de ser condenação e se torna gênese. E talvez aí, no gesto mínimo de reter o sopro, o humano reencontre o seu peso.

Referências

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CRARY, J. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu, 2016.

FISHER, M. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo*. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

HAN, B-C. *Agonia do Eros*. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. *A sociedade do cansaço*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2024.

_____. *No enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis: Vozes, 2018.

ROSA, H. *Aceleração e alienação: uma teoria crítica do tempo na modernidade*. São Paulo: UNESP, 2016.

STIEGLER, B. *Technics and Time, 1: The Fault of Epimetheus*. [A Técnica e o Tempo, 1: A Falha de Epimeteu]Stanford: Stanford University Press, 1998.

ZUBOFF, S. *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. Kindle edition. New York: Public Affairs, 2019.

Recebido em: 08/07/2025

Aceito em: 30/10/2025